

VILÉM FLUSSER
Via Hasler 4, Maia Alta, Merano, Tel: 26103

Merano, 4 de novembro de 72

Milton Vargas, SP.

Caro amigo, depois de uma semana intensíssima em Paris, (sôbre a qual lhe escreverei talvez outra carta), encontro sua carta sôbre a arte e o futuro. Isto me obriga a defender perante Você meu engajamento na Bienal, e minha posição com relação ao fenômeno estético tout court. Já vai: sua atitude perante a obra, (lembra-se, já que por certo não guardou cópia?), é radicalmente romântica: a obra é reveladora do real, (daquilo "que sou" e sua mensagem deve ser sorvida na solidão quase que religiosa. Tôdo comentário e tôdo diálogo a respeito dilui tal mensagem. Aliás, arte é o que menos se impoe como tal, e é, por isto mesmo, insofismável, (resiste aos sofismas de uma crítica analisadora). Voilà a sua posição em resumo. Daí a sua adesão ao cinema como arte da atualidade. Não é a minha, e o seu exemplo da catedral serve muito bem como ponto de partida. Pois a catedral nos comove, embora não revele a "nossa realidade", e embora seja ela um produto da técnica, (como Você me explicou bem), e não daquela Arte com maiúsculo que Você visa e da qual Você quer aprender o nosso fundamento. Com efeito, tal Arte não existe em parte nenhuma e em época nenhuma, com exceção do Ocidente burgues a partir do Renascimento até a última Bienal de São Paulo. E tal Arte, longe de se impôr por si, exige uma infundável discussão e teorização, a qual, como Você observa muito bem, a problematiza. A discussão começa exatamente no Renascimento, (estou lendo um livro excelente de Lucien Febvre, "Le problème de l'incroyance au 16e. siècle", que mostra a explosão das teorias estéticas que acompanhou o abandono do gótico, em torno de Leonardo, Rabelais e Erasmo). Portanto o fenômeno estético não pode ser captado, como Você quer, na passividade fenomenológica de uma ingenuidade artificial, ou, pelo menos, não o pode ser integralmente.

Partirei de três premissas: (1) Não se pode viver durante muito tempo sem as múltiplas articulações estéticas, (na música ça va par soi, mas o mesmo é verdade quanto às artes plásticas, a poesia etc.). (2) Tais articulações são indispensáveis, porque suas mensagens integram-me no meu contexto social, político, cultural, e transhumano, (se quiser: nas múltiplas dimensões da "realidade"). e (3) Tais articulações me desafiam a comportar-me de determinada maneira. Em outras palavras: a falta de articulação estética no meu ambiente me aliena e tira tôdo sentido da minha vida, e isto é negativamente o critério da autenticidade da arte. (Arte é o que me integra e o que dá sentido à minha vida). O importante nisto tudo é a plenitude da mensagem estética: tem ela dimensões políticas, sociais, e religiosas, (e não apenas formais), e sem elas não é arte.

Pois as três premissas não bastam. Se bastassem, a tese marxista seria correta: arte enquanto objetivação de ideologia subjetiva, enquanto realização de sonhos, e portanto enquanto articulação do espírito de um tempo. (Já que sonhos subjetivos não passam, como Você diz muito bem, ~~art~~ de articulações de um grande "nós", isto é, marxisticamente, do "tempo") As três premissas não bastam, porque há uma aura transhistórica no fenômeno estético, o qual, embora fenômeno social, é, não obstante, algo que aponta história afóra, (e não apenas em direção do futuro). Mas como tal aura é indiscutível, (por inarticulável), passarei por cima. (Já que ela não me impede de falar nos demais aspectos, não menos importantes.) A premissa (1) afirma que pode haver miséria estética, (tanto quanto miséria econômica, política e social), e, com efeito, está havendo tal miséria a despeito da difusão colossal de fenômenos estéticos pelos canais de comunicação atuais. A premissa (2) afirma que a função da arte é a des-alienação, e, com efeito, a alienação atual tem por uma causa a falta de verdadeira arte. E a premissa (3) afirma que a atitude passiva de consumo perante a arte é sintoma da incomunicação entre "artista" e "sociedade", e, com efeito, é o que está se dando. Considere, pelo contrário, a situação no tempo, das catedrais, (ou dos templos gregos, ou das máscaras Ibo, ou das lâmpadas Esquimô, ou qualquer outro tempo). Não havia miséria estética, porque havia "estilo", isto é: a arte penetrava o ambiente. Isto integrava a sociedade na sua "realidade", e esta se comportava

VILÉM FLUSSER

va em sintonia com as mensagens estéticas que recebia. Como se explica a situação atual? Sem dúvida, a perda de unidade de fé e de cosmovisão, (de "catolicidade"), ocorrida no Renascimento, está no fundo do problema, e a divisão da cultura em científica e humanística é apenas sintoma disto. E sem dúvida, a revolução industrial tem a ver com isto, revolução esta que os românticos tentaram negar, mas da qual eram filhos não obstante. Mas há causas menos fundas e mais bem manejáveis. E a mais importante entre elas é esta: Falta autêntica arte atualmente, porque as elites estão amputadas da sua base social, (da "realidade" num sentido muito importante), já que na base social reina uma anti-cultura com anti-arte, chamada "cultura das massas". Não diga que Você não se interessa pelos fenômenos da cultura de massa. São eles a causa da esterilidade da cultura da elite, da "nossa". Enquanto existir este abismo entre elite e massa, e não integração como no gótico ou românico, enquanto existir essa duplicidade em arte, (a das exposições e a dos campos de futebol), nenhum dos dois valerá, nem exposição nem campo. É aí que podemos fazer alguma coisa.

É claro: a proposta parece puramente "idealista" num sentido pejorativo do termo. Como então: forjar um novo senso do real, um novo sentido da vida, manipulando canais de comunicação de massa? Quando tal novo senso só poderá vir com revoluções de infra-estruturas, por exemplo econômicas ou religiosas, (para dar igual voz a dois conceitos de "infra-estrutura")? Pois bem: creio que atualmente a textura da cultura é detal forma compacta, (totalitária), qu a introdução de "ruído" em não importa que nível poderá ter efeitos profundos em todos os demais. Se conseguirmos mudar a estrutura estética, mudaremos as demais, inclusive a econômica e a religiosa. Isto porque, ultimamente, trata-se de des-alienar em todos os níveis. Um "artista" que consegue comunicar-se com a massa terá quase que automaticamente algo de importante a dizer, e um participante da massa que recebe tal mensagem terá quase que automaticamente nova visão e nova atitude. Teremos arte verdadeira, (no sentido das três premissas), se conseguirmos alterar a estrutura das comunicações, e com arte verdadeira teremos, quiçá, um novo clima mais respirável. Eis a razão do meu engajamento bienalesco. (O qual foi, aliás aceito pela Fundação Bienal, por surpresa minha, na sua quase totalidade.)

Compreenda-me, caro amigo: temos tão pouco tempo, os da nossa idade, e temos tanta responsabilidade, graças a posição que ocupamos na sociedade, (merecida- ou imerecidamente). Pois Você faz muita coisa, (embora nutra certamente dúvidas quanto a sua validade de vez em quando). E eu preciso também contribuir, com dúvidas ainda mil vezes maiores. Creio que a oportunidade me foi dada como que por acaso de tentar cumprir um pouco o meu dever perante a sociedade brasileira, (e a sociedade tout court), graças a Bienal, e esta oportunidade coincide com as minhas ideias estéticas, (e outras). E isto que estou tentando fazer, e é isto que tinha em mente ao falar em "superar-se". Há aqui um malentendido seu. "Superar-se" quer dizer para mim, "ser eu mesmo", mas também "aceitar tudo que sou, mas tentar modificar tudo isto no contacto e conflito com o mundo". Em suma: "superar-se" significa para mim: "adequar o mundo a mim e adequar-me ao mundo". (E incluo, no termo "mundo", com grandes reservas também o transhumano que me sustenta). Por isto não posso assumir atitude românticamente contemplativa perante a arte. Devo mexer-me. Em outros termos: se, como Você diz, eu devo aprender da Arte o que sou, devo também fazer com que a arte possa dizer-me o que sou. Porque a arte não é sacra e intocável, (como Você implica). Ela é perfeitamente humana, (embora possa significar algo transhumano), e toda atitude religiosa perante a arte é idolatria. E, como toda coisa humana, deve ser manipulada.

Por exemplo: Vi Roma de Pallini, (e também "O encanto discreto da burguesia" de Bunuel), e estou convencido que sua ideia do cinema enquanto arte atual está enganada. O mesmo esoterismo falsamente hierático, mas na realidade técnico que caracteriza toda manifestação artística da elite, desfigura também essas fitas indubitavelmente "boas". Não, decididamente, assim não vai. Basta para hoje, estou cansado, o chá está pronto, e o sol está se pondo, (às 4,30), e está fazendo frio no terraço. Seja abraçado, e sinto o quanto me está faltando neste lugar tão "belo", (isto é: no qual a arte penetra o ambiente em forma de castelinhos, pomares e florestas de pinheiros cobertas de neve recente).